

O lugar da família em tempo de pandemia: que posicionamento tomar?

The place of the family in time of pandemic: what positioning to take?

Fortunato Pedro Talani Diambo¹

¹Dr. Vice-Decano para Área Académica, da Escola Superior Pedagógica da Lunda-Norte.
Universidade Lueji A Nkonde.

* Autor para correspondência: fdiambo@outlook.com

RESUMO

A família é a estrutura básica e fundamental de qualquer sociedade, a sua participação em todos os acontecimentos da humanidade é inquestionável. E, as Universidades enquanto contextos de desenvolvimento de saberes científicamente estruturados, deve actuar na busca de soluções de problemas que afligem as sociedades. Por esta e outras razões, motivaram-nos em dar o nosso contributo, enquanto fazedores de ciência, para em conjunto, refletirmos sobre o lugar e/ou posição que a família deve ocupar, perante uma pandemia (Covid-19), que quase parou o mundo, e, num momento em que todas as nações, procuram estratégias mais ajustadas, para que a continuidade da vida normal das pessoas, seja um facto. Para o presente estudo, optámos por uma abordagem metodológica quantitativa, com a participação de 48 indivíduos, de entre eles 35 do género masculino, seleccionados através de uma amostragem por conveniência do tipo não-casual.

Palavras clave: Pandemia da Covid-19; Família; Propagação.

ABSTRACT

The family is the basic and fundamental structure of any society. Their participation in all of the humanity's events is unquestionable. And, the Universities as the core of the development of the knowledge scientifically structured, it has to function in the search of the solutions of the problems that afflict the society world over. For this and for other reasons, motivated us in giving our contribution as a researcher, so that together we may think about the place or the position that the family must occupy according to Covid-19 pandemic issue, that almost stopped the world in the moment in which the whole nations were seek more adjusted strategies, so that the continuity of the people's normal life, could be a fact. For the present study, we opted the quantitative methodological approach, with the 48 individuals' participation amongst them 35 masculine were selected throughout a significant and convenient sample of the no-casual type.

Keywords: *The Pandemic of Covid-19; the family; Propagation.*

¹ Doutorado; Professor Auxiliar; Vice-Decano para Área Académica da Escola Pedagógica da Lunda-Norte

INTRODUÇÃO

O mundo tem vivido uma nova experiência, de grandes controversas, avanços, mais para plataformas digitais, e, recuos, em quase todos os sectores sociais e não só, desde de que a Pandemia da Covid-19, tomou conta das pessoas, com início na Republica popular da China, concretamente na cidade de Wuhan, capital da província de Hubei, durante o mês de Dezembro, conforme apontam os estudos constantes no Guia de Orientações da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG) da Universidade Federal da Amazona (UFAM, 2020), com foco centrado na pandemia da Covid-19. A doença, foi identificada em primeira instância através de um surto, em trabalhadores de um mercado de alimentos da referida cidade, com características de complicações respiratórias, conforme estudo feito pelo Centro de Controlo e Prevenção de Doenças (CDC) da China.

De acordo com Diambo, Yoba e Chocolate (2020), Neves (2020) e Pires (2020), a rápida propagação da pandemia da Covid-19, impôs aos Estados, a adopção de medidas cautelares, que infelizmente, trouxeram novos modelos de vida, a todos níveis, desde as relações interpessoais, modos de funcionamento das instituições administrativas, políticas, tecnológicas, económicas, de culto, etc., bem como, mudanças nos hábitos e costumes, queiram culturais e/ou tradicionais ou não, nas formas de estar e orientação familiar, assim como nos modos *vivendi* dos cidadãos. Dentre as medidas cautelares mais frequentes e imediatas, destacam-se: o confinamento familiar, uso de máscaras faciais, desinfestação com álcool, álcool gel, ou lavagem das mãos com água e sabão obrigatórias, encerramento parcial ou total em alguns casos das escolas, das fronteiras, e outros, o que dificultou, e continua dificultando em grande medida, o desenvolvimento da formação do homem, assim como a economia mundial. Importa referir que as medidas adoptadas pela maioria dos Estados do mundo, podem, até certo ponto, serem consideradas como universais, na medida em que convergem em grande parte, para além de também, serem orientadas por alguns órgãos internacionais devidamente autorizados para o efeito. Como é o caso da Organização Mundial da Saúde (OMS), responsável pelos vários pronunciamentos de princípios que, devem ser adoptados pelos Estados em tempo de pandemia da Covid-19.

Nesta incansável luta de busca de soluções para a provável retoma da vida normal das pessoas, em todo mundo, a família, desempenham um papel preponderante no auxilio dos governos, no cumprimento das medidas de biossegurança contra a Covid-19, e, constitui (a família) um contexto privilegiado para o desenvolvimento de uma nova postura educativa, que, de certo modo influencie positivamente, as personalidades em primeira instância dos seus membros, e, em segundo lugar, das sociedades em geral, disponibilizando para a sociedade, um cidadão capaz de descrever, compreender, analisar com bom senso crítico, os momentos da vida, e, contribuir para uma convivência cada vez mais saudável, das pessoas a todos os níveis.

DESENVOLVIMENTO

Pretendemos com este estudo, responder a seguinte questão: **Que posição deve a família assumir, numa fase em que quase tudo, depende da evolução de uma pandemia nefasta sem precedentes?** A questão de partida apresentada, coloca-nos enquanto Universidade, instituição vocacionada para o ensino, investigação e extensão universitária, contexto propício para os fazedores de ciência, desenvolverem e buscarem soluções de certas situações que afligem as sociedades, cujo objectivo é, apresentar reflexões sobre o posicionamento que a família deve tomar em tempo de pandemia, enquanto instituição básica e fundamental da sociedade, e, parceira primordial do Estado por excelência, na luta contra a propagação da Covid-19.

– Conceito e função social da família em tempo de pandemia

A família é a instituição mais antiga, básica e fundamental, presente em qualquer Estado do mundo, independentemente da sua cultura e estruturação (Diambo, 2019; Kiura & Kiura, 2005; Reis, 2008). Importa referir que, neste quesito, procuraremos conceptuar a família numa perspectiva mais social.

A família, “é o núcleo fundamental e organizacional da sociedade, podendo estar acordado em casamento, ou em união de facto entre dois seres humanos de género oposto (homem e mulher)” (Artigo 35º da Constituição da República Angolana (CRA, 2010) citado por Diambo, 2019, p. 6). A família num sentido lato é definida por Arcoverde e Sousa (2002) como sendo um “conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e/ou por filiação ou, excepcionalmente, por adoção (p. 30).

A família constitui a base de qualquer sociedade, e, é o meio mais natural para o desenvolvimento e bem-estar dos seus membros, devendo ser também, o garante para uma sociedade mais justa, pois, os ensinamentos transmitidos aos seus membros, transcendem os limites do contexto familiar visto na perspectiva de linhagem e/ou de consanguinidade, passando a ter impacto social (Diambo, 2019; Reis, 2008).

Oliveira e Marinho-Araújo (2010), entendem a família como sendo a primeira escola e agência educacional do ser humano, onde a criança recebe os primeiros ensinamentos, e, é a responsável de transmitir princípios fundamentais de como o indivíduo deve relacionar-se com o mundo, na garantia de uma socialização mais acertada e aceitável. Apoderando-se destas valências, a família tem a oportunidade para garantir o asseguramento dos seus membros contra a pandemia, primeiro no contexto domiciliar, e, depois para fora dele (domicílio), pois, um indivíduo bem educado e orientado como proteger-se da Covid-19, com informação suficiente em como esta pandemia prejudica a saúde humana e não só, certamente, tende a cuidar de si e dos outros da melhor forma possível. E, deste modo, contribuir na diminuição da propagação da pandemia da Covid-19 (Diambo, et. al., 2020).

A família e as instituições de ensino, “assumem um papel importante no desenvolvimento das sociedades, pois, não há desenvolvimento social sem que haja uma boa educação” (Diambo, 2019, p.17).

A família, como sabemos, é a única instituição que está presente em todas as sociedades, e o primeiro ambiente da socialização do indivíduo, que por lei da vida a criança se encontra inserida. A família é considerada, também, como sendo a primeira instituição social, ela atua como mediadora principal dos padrões, modelos e influências culturais que, em conjunto com as demais instituições, busca assegurar a continuidade e o bem-estar dos seus membros e da coletividade (Diambo, 2019, p. 17).

A este respeito, Dessen e Polonia (2007), defendem que a família deve ser vista como um sistema social, pelo qual são transmitidos os valores, as crenças, e tudo quanto está presente nas sociedades, para a sua melhor idealização e compreensão. Assim sendo, o momento que o mundo vive, requer em grande medida a transmissão de informação necessária e suficiente sobre o mal que enferma as pessoas (a Covid-19). Arcoverde e Sousa (2002), afirmam que, “a família é o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência, do desenvolvimento e da proteção integral das crianças” (p. 29). Isto ressalta mais uma vez, a importância que a família tem na garantia da continuidade da vida humana, independentemente dos fenómenos que possam acontecer. “A família tem a missão de assegurar a continuidade da vida humana, sendo por excelência a instituição onde a criança, nasce, cresce e morre (...)” (Diambo, 2019, p. 18).

– Considerações metodológicas

Os procedimentos metodológicos, “constituem o ponto de partida fundamental para a tomada de decisão sobre a operacionalização do trabalho empírico (...) ou, o modo como é

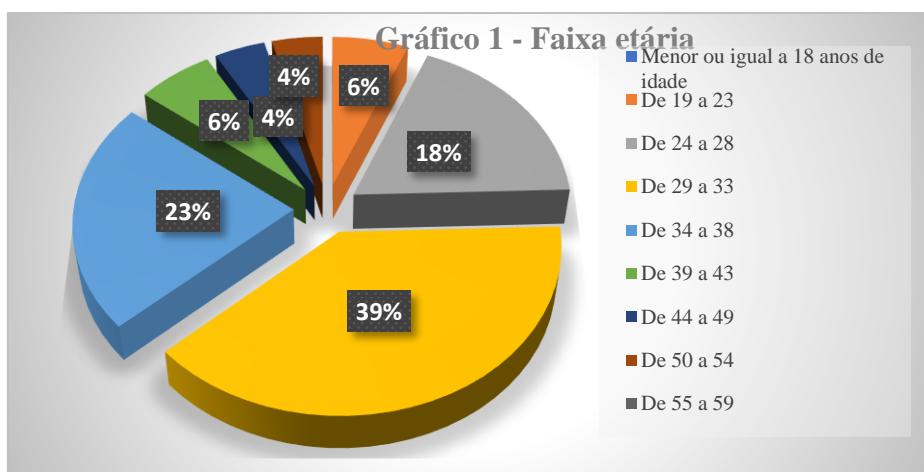
concretizada a recolha de informação relevante para obter resposta às questões de investigação” (Afonso, 2014, p. 55). Para o presente estudo, fez-se recurso a uma metodologia assente no paradigma quantitativa. Os estudos quantitativos são aqueles possíveis de “traduzir em números as opiniões e as informações para, em seguida, poderem ser classificadas e analisadas” (Vilelas, 2017, p. 161).

Quanto aos procedimentos de recolha de dados, utilizou-se o inquérito por questionário, por ser a técnica que melhor se adapta na quantificação dos dados recolhidos, para posterior análise e discussão (Hill & Hill, 2016; Marconi & Lakatos, 2003). Em função da pandemia da Covid-19, o questionário foi construído através da plataforma *Google forms*, e, respondido com recurso aos *e-mails*, *Whatsapp* e *Facebook*. Fez-se recurso a amostragem por conveniência do tipo não-casual, por centrar-se na escolha de casos mais fáceis de localizar, e, por não exigir a obrigatoriedade de identificação de uma determinada população ou universo, como defendido por Hill e Hill (2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

– Caracterização da amostra

A grande maioria dos participantes, estão entre 29 à 33 anos de idade, com 39%, a faixa de 34 à 38 anos de idade com 23%, seguida da faixa etária dos 24 à 28 anos de idade, com 18%, conforme o gráfico seguinte:



Fonte: Elaborado pelo autor.

No que tem que ver com o nível de escolaridade, a maioria dos participantes são licenciados, correspondendo 52% da amostra, 27% são mestrados, 15% técnicos médios e 6% doutorados. Podendo garantir um certo nível de fidedignidade dos resultados, por serem informantes com conhecimentos estruturantes e até mesmos científicos. (Vide gráfico a seguir).



Fonte: Elaborado pelo autor.

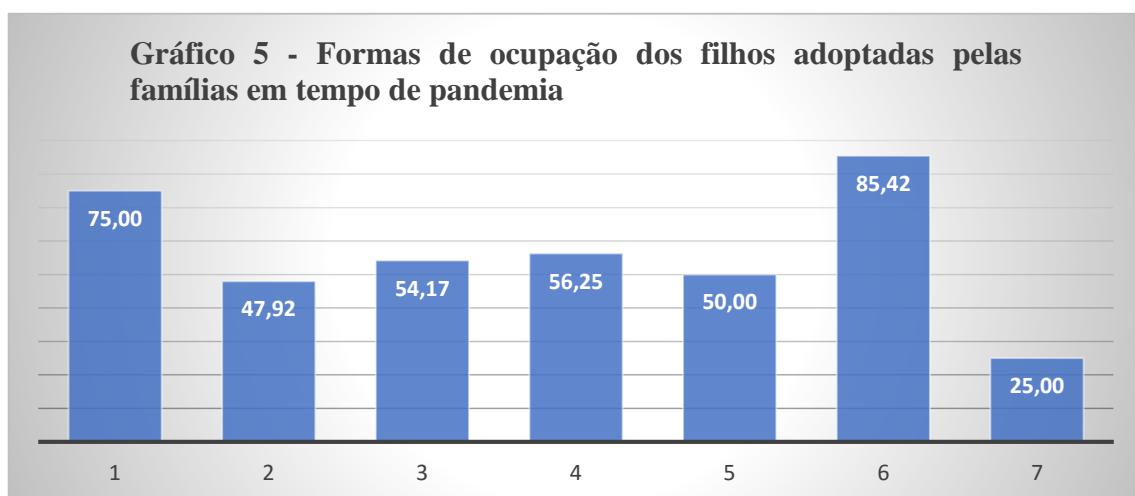
No que tem que ver a zona de residência, a grande maioria dos participantes do estudo, residem em zonas urbanas, com uma percentagem de 84%, convergindo em grande medida com os dados do censo populacional de 2014, que referem a 63% da população angolana residirem nestas zonas (urbanas), conforme o gráfico que se segue.



Fonte: Elaborado pelo autor.

- Formas de ocupação dos filhos adoptadas pelas famílias em tempo de pandemia

Quanto a este aspecto, os resultados mostraram que, ocupar os filhos em assistir televisão em família (indicador 6), com 85,42%; redistribuição de tarefas de casa em função das idades e ocupação (indicador 1), com 75%; estabelecer horários de leitura e resolução de exercícios de Matemática em casa (indicador 4), com 56,25%, assim como, estabelecer horários em que os filhos devem sair de casa acompanhados (indicador 3), com 54,17%, constituem as formas adoptadas pelas famílias em tempo de pandemia, para que os filhos estejam mais tempo em casa, e, deste modo, reduzir o risco de contágio pela Covid-19, e, consequentemente da sua propagação. A par dos aspectos mais apontados, importa referir também, os com menor percentagem, que, de forma decrescente mencionamos: Realização de exercícios físicos em casa (indicador 5) com 50%; ocupar o tempo livre das crianças com acções lúdicas (jogos) (indicador 2), com 47,92% e finalmente, contar histórias e/ou estórias para descontrair (indicador 7), com 25%, conforme o gráfico que se segue.



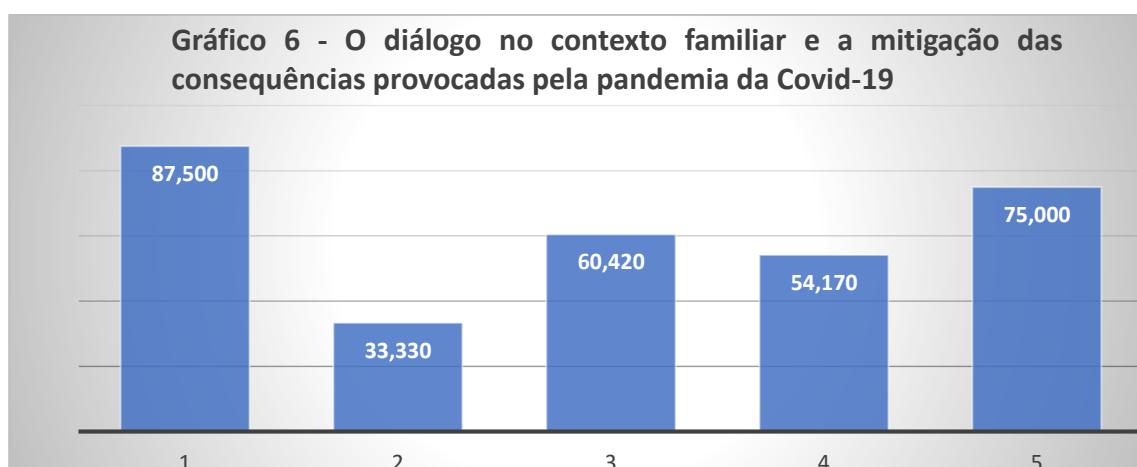
Fonte: Elaborado pelo autor.

A este respeito, de acordo com um estudo realizado por Diambo, et al., (2020), sobre a continuidade da acção educativa no contexto domiciliar angolano durante a pandemia da Covid-19, identificou-se que durante esta fase, os pais e encarregados de educação, recorreram em “orientar as crianças para que façam transcrições de textos com finalidade de melhorar

caligrafia; ensinar os filhos a resolver determinados exercícios de matemática, auxiliá-los durante a tele-aula, bem como na realização de leituras” (p. 78), como sendo as formas principais adoptadas, para dar continuidade a acção educativa no contexto domiciliar.

- O diálogo no contexto familiar e sua importância na mitigação das consequências provocadas pela pandemia da Covid-19

No que diz respeito ao diálogo no contexto familiar, como alternativa de mitigar as consequências provocadas pela pandemia da Covid-19, os participantes ao estudo, reconhecem ser fundamental, pois no intender dos mesmos, o diálogo permanente no contexto familiar, permite a disponibilização e conhecimento alargado de informação sobre a pandemia, de forma frequente (indicador 1), com 87,5%; fortifica as relações entre os membros, contribuindo para a coesão familiar, e, deste modo, em fase de pandemia, em conjunto lutar-se contra o vírus da Covid-19 (indicador 5), com 75%, e, finalmente, o diálogo na família, permite uma forte reflexão sobre o papel fundamental da família na manutenção da vida familiar e social (indicador 3), com 60,42%. Os informantes, apontaram também, pese embora com menor incidência, que, o diálogo, ajuda no conhecimento sobre as medidas a se terem em conta em casa e/ou fora dela de modos a evitar o contágio (indicador 4), com 54,17%, bem como, contribui na melhoria da autoconfiança para enfrentar o vírus em tempo de confinamento (indicador 2), com 33,33%, como pode-se observar no gráfico seguinte.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados desta questão, concordam em grande medida, com os encontrados por Diambo, et al., (2020), ao referir que, quanto mais diálogo houver entre os membros de uma família, maior será a oportunidade dos seus responsáveis, transmitirem conhecimentos, e abordarem sobre aspectos relacionados com as medidas a ter-se em conta, em tempo de pandemia.

(...) os encarregados de educação têm mais oportunidades para transmitirem informações sobre as medidas de saúde, higiene, educação moral e outras, que julgarem necessárias para o combate e prevenção da COVID-19, bem como contribuir para o fim do isolamento social e o recomeço da funcionalidade plena dos serviços prestados à população (Diambo, et al., 2020, p. 72).

Por outro lado, o diálogo no contexto familiar em tempo de pandemia da Covid-19, tem ainda grande importância na manutenção e garantia da saúde mental dos seus membros. Pois, a letalidade desta pandemia, remete por exemplo, as pessoas a um elevado nível de medo na eventualidade de vir a ser contaminada, o que pode trazer consigo, outros males. Logo, um

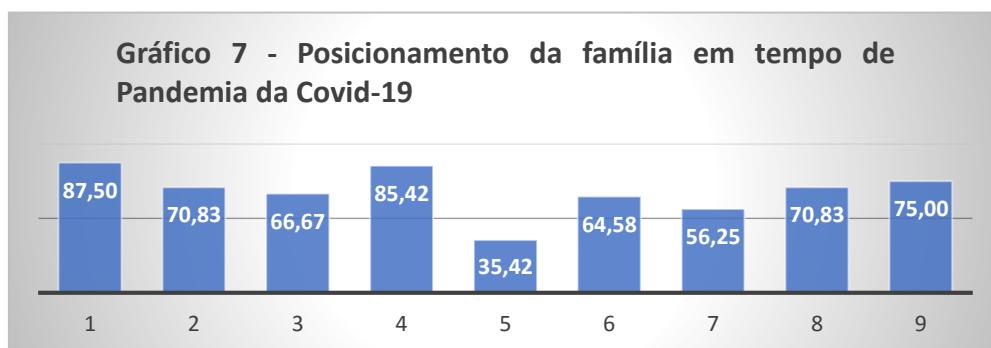
diálogo mais fluido em família, fundamentalmente sobre a Covid-19, pode até certo ponto, ser benéfico para os membros da família em particular, e da sociedade em geral.

(...) o medo de ser infectado por um vírus potencialmente fatal, de rápida disseminação, cujas origens, natureza e curso ainda são pouco conhecidos até o momento, acaba por afetar o bem-estar psicológico de muitas pessoas. Sintomas de depressão, ansiedade e estresse diante da pandemia têm sido identificados na população geral (Silva & Filho, 2020, p. 143).

Portanto, a família, em função das necessidades sociais, ela desempenha um papel fundamental, para a manutenção e regulação de comportamentos, primeiro dos seus membros mais direitos, e, depois para a sociedade em geral. Pois, suas acções, têm interferência direita neste contexto (social) (Diambo, 2019; Oliveira et al., 2010).

– Posicionamento da família em tempo de pandemia da Covid-19

De acordo com os resultados obtidos do questionário, os participantes destacam: O dever da família em posicionar-se como o primeiro e principal parceiro do estado, na luta contra a pandemia da Covid-19 (indicador 1), com 87,5%; o aprimoramento dos hábitos costumeiros de saúde, higiene, educação e orientação familiar (indicador 4), com 85,42%; a necessidade de reservar tempo, para em família, abordarem sobre a pandemia da Covid-19, e outros males que afligem a sociedade (indicador 9), com 75%; o assumir do papel de berço de qualquer nação, pois, não existem nações sem famílias (indicador 2), e, o dever de ser o exemplo em cumprir e fazer cumprir, as medidas de biossegurança contra a pandemia no seu contexto, pois, o incumprimento, tem seu término consequencial na família (indicador 8), ambos com 70,83%, como sendo os principais posicionamentos que a família deve tomar em fase de pandemia, de modo a contribuir grandemente na mitigação e/ou na luta contra a propagação da Covid-19. Com menor percentagem, alguns participantes, defendem que a família deve assumir o lugar de primeira escola de qualquer pessoa (indicador 3), com 66,67%; ser a primeira instituição na abordagem e revisão das medidas a tomar em torno da pandemia (indicador 6), com 64,58%; ser o meio principal de difusão de informação sobre a pandemia da Covid-19, sem precedentes (indicador 7), com 56,25%, e, em caso de saída de pessoas de risco (adultos e/ou crianças), deve haver pelo menos um acompanhante não de risco (indicador 5), com 35,42%, conforme ilustra o gráfico a seguir.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Estes resultados, mostram claramente a importância da família, enquanto núcleo básico e fundamental da sociedade, e que todo indivíduo pertence, na busca de soluções para certos problemas sociais. Pois, a família é tida como sendo a primeira escola de qualquer pessoa, sua missão fundamental, é educar o cidadão, de modo a que seja elemento activo e participativo no contexto a que se encontrar. A este respeito, Oliveira et al., (2010), citado por Diambo (2019), afirma que a família, “de entre outras tarefas, tem o dever de garantir uma boa educação à criança, capaz de promover atitudes comportamentais e morais, assim como conhecimentos,

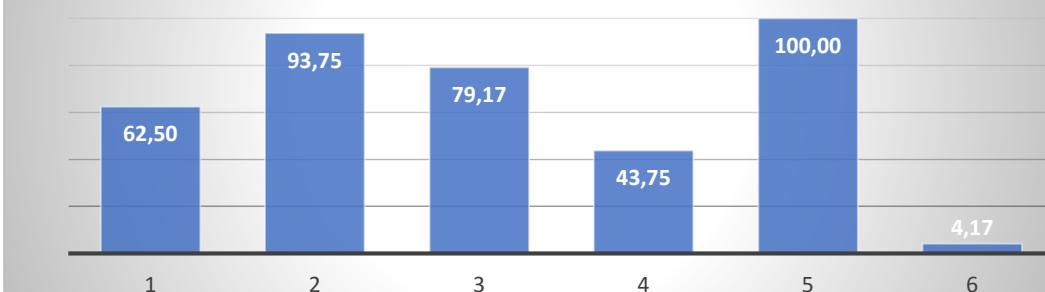
que lhe proporcionem um exercício de atividades produtivas socialmente” (p. 18). “A família tem (...) responsabilidades acrescidas na educação, instrução e regulação do comportamento da criança, que, a posterior, garante ou coloca perante a sociedade um cidadão capaz de contribuir ao bem-estar social de todos” (Diambo et al., 2020, p. 81).

Visto nesta perspectiva, em tempo de pandemia, ela (a família) não deve ser indiferente a sua missão “educadora”. Queremos com isto dizer que, a família é, e será sempre, em todos os tempos, um recurso ou parceiro importante, na prossecução de normas, princípio e/ou medidas previamente estabelecidas pelo Estado, para o bem-estar da sociedade, pois, depois de qualquer actividade, dentro ou fora dela (da família), no final, acabamos todos regressando a nossa casa (família). Vale aqui lembrar um aforismo anónimo que diz: “nossa família, é a nossa casa e porto seguro”. Portanto, devemos fazer dela, a fonte para o bem-estar de todos.

- Percepção da família quanto a necessidade da continuidade da vida em tempo de pandemia

Quanto a percepção da família quanto a necessidade da continuidade da vida em tempo de pandemia, 100% dos participantes, afirmam mesmo que o mundo já mais será o mesmo, depois da pandemia (indicador 5); 93,75% defendem que, devemos habituar-nos com a pandemia, desde que cumpramos com as medidas de biossegurança (indicador 2); 79,17% entendem que, enquanto não haver vacina, infelizmente não vale apena arriscar (indicado 3); 62,5% dos participantes, mostram indecisão, pois, indicam que não sabem o que será do mundo pós Covid-19, apesar de reconhecerem ser uma doença que veio para ficar (indicador 1); 43,75% tendem a ser mais optimistas, considerando o momento da Covid-19, como sendo simplesmente mais uma fase da vida, que depois passa, e, continuaremos a nossa vida normal como antes (indicador 4); finalmente, 4,17% dos participantes, apesar de ser em menor escala, porém preocupante, por indicarem que não têm a certeza plena da existência da Covid-19 (indicador 6), conforme o gráfico que se segue.

Gráfico 8 - Percepção da família quanto a necessidade da continuidade da vida em tempo de pandemia



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados ora apresentados, resumem-se num conjunto de percepções que das famílias, perante uma pandemia letal, e, sem ainda previsões concretas do seu abrandamento e/ou fim. Com ligeiras diferenças em opiniões, porém os participantes são unâimes em afirmarem que o mundo não será o mesmo, depois da Covid-19. Outros têm incertezas do que será do mundo e/ou dos modos *vivendi* pós Covid-19. Isto deve-se possivelmente, pela imprecisão do abrandamento da doença. Desta forma, o melhor a fazer, é mesmo, cumprir com as medidas de biossegurança, enquanto se aguarda por uma solução do problema, porém, certamente, diferenciar-se-á de contexto para contexto. Resultados convergentes aos obtidos por Araújo (2020), porém, acautela:

Ainda não está claro por quanto tempo as medidas de restrição e suspensão prevalecerão e como será o pós-pandemia. Pode parecer conveniente simplesmente retornar ao que

era antes, porém, precisamos encontrar o melhor caminho, sendo necessário estudar e repensar todo o processo de retorno, de forma segura e baseada na real situação e necessidade de cada local. (p. 44)

Sobre alguns participantes que mostraram não terem a certeza da existência da Covid-19, julgamos ser um elemento bastante preocupante, se termos em conta os modos de contágio e incumprimento das medidas de biossegurança, por parte destas pessoas. Pois, não tendo certeza da sua existência, correm grande risco de se exporem ao vírus, e, deste modo, serem vectores para muita gente. Porém, estes resultados não são isolados a realidade angolana, pois, estudos feitos no Brasil por Marques, Costa, Costa, Canavieira e Canuto (2020), alguns moradores, apesar de, em menor número, consideraram a Covid-19, como sendo uma doença comum, ou ainda uma gripe normal, em todo caso, a estes, devem preocupar as famílias em particular, e, as autoridades em geral.

Por outro lado, em função de existirem ainda pessoas que desconhecem os efeitos nefastos da Covid-19, aconselha-se que flua mais comunicação, tanto nos canais televisivos, be como no contexto domiciliar, onde, deve abordar-se em grande medida o que fazer em casa em fase de pandemia da Covid-19, bem como os males que dele advêm. Bezera, Silva e Soares (2020), aconselham mesmo que, as acções de comunicação sobre a Covid-19, não devem focar-se somente, no discurso de “fique em casa”, mas, senão também, sobre os cuidados a ter-se em casa em tempo de pandemia.

CONCLUSÕES

A participação activa da família na orientação de acções educativas, viradas fundamentalmente à comportamentos mais dignos para o bem-estar social em tempo de pandemia, é extremamente importante, pois, ajuda na prevenção e luta contra a propagação da Covid-19;

Assistir televisão em família; redistribuir tarefas de casa em função da idade e responsabilidade individual dos membros da família; realizar de leituras e resolver exercícios de Matemática em casa, num horário pré-estabelecido pelos encarregados de educação, bem como, estabelecer horários em que os filhos devem sair de casa, acompanhados por um responsável, são na óptica dos participantes a esta investigação, as formas mais frequentes, adoptadas pelas famílias, de manterem os seus membros em casa, e com isso, diminuírem o risco de contaminação por pandemia da Covid-19;

O diálogo no contexto familiar, é do ponto de vista dos participantes a esta investigação fundamental, na medida em que, contribui para a obtenção de informação sobre a pandemia, bem como, fortalece as relações entre os membros da família, contribuindo para a sua coesão, e, deste modo, juntos lutarem contra a propagação da pandemia da Covid-19, por um lado. Por outro, o diálogo no contexto familiar, favorece uma profunda reflexão, sobre o real papel da família na manutenção da vida em sociedade;

Em tempo de pandemia, a família deve posicionar-se como sendo o principal parceiro do Estado, na luta contra a propagação da Covid-19, através de aprimoramento de hábitos e costumes de saúde, higiene, educação e orientação familiar;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afonso, N. (2014). *Investigação naturalista em educação: Um guia prático e crítico*. Portugal: Fundação Manuel Leão, V. N. Gaia.

Araújo, v. B. (2020). Repensando as práticas de saúde para a pessoa com deficiência durante a pandemia da covid-19: Uma reflexão do fisioterapeuta da APAE de Petrópolis-RJ. *Fed. Nac. das Apaes- Fenapaes*, v. 13, n.º 1, pp. 33 – 49, Janeiro/Junho de 2020. Recuperado de apaeciencia.org.br/revista em 20 de Outubro de 2020.

- Arcoverde, A. C. B (org.). (2002). A família como núcleo socializador. *Mediação de Conflitos e Família: Uma visão psicossocial da intervenção no Judiciário*. Recife. Editora Universitária da UFPE, pp. 29-41. Recuperado de <http://www.arcus-ufpe.com/files/capfamnucsol.pdf> em 28 de Abril de 2018.
- Bezerra, A. C. V., Silva, C. E. M. & Soares, F. R. G. (2020). Percepção sobre o isolamento social no contexto da pandemia de covid-19 no estado de pernambuco, Brasil. *HYGEIA, Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, Edição Especial: Covid-19, Jun./2020, pp.143 – 152. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/Hygeia0054397>, Acessado em 22 de Outubro de 2020.
- Dessen, M. A. & Polonia, A. C. (2007). Família e escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32.
- Diambo, F. P. T. (2019). *Envolvimento da família no contexto escolar: Um estudo de caso numa escola pública em angola* (Tese de Doutoramento). Universidade da Beira Interior. Covilhã, Portugal. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.6/10303>, em 20 de Outubro de 2020
- Diambo, F. P. T., Yoba, C. P. C., & Chocolate, F. A. M. (2002). Continuidade da Acção Educativa no Contexto Domiciliar Angolano Durante a Pandemia da COVID-19. *Revista Angolana de Extensão Universitária, RAEU*, v. 2, n.3 (especial), Julho, p. 68-88, 2020. Recuperado de <https://www.portalpensador.com/index.php/RAEU-BENGO/article/view/199> em 20 de Outubro de 2020.
- Hill, M. M. & Hill, A. (2016). *Investigação por Questionário (2.ª Edição.)*. Lisboa, Portugal: Edições Sílabo, Lda.
- Gil, A. C. (1996). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas.
- Instituto Nacional de Estatística - INE (2016). Resultados definitivos do recenseamento geral da população e habitação – 2014. Luanda, Angola. Recuperado de http://www.effaangola.org/AngolaCensus2014_ResultsDefinitivos_Mar2016.pdf, em 21 de Outubro de 2020.
- Kiura, J. G., & Kiura, A. (2005). *A vida e o amor*. Luanda, Angola: Irmãs Paulinas.
- Marconi, M. A., & LAKATOS, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo, Brasil: Editora Atlas S. A.
- Marques, A. M., Costa, B. N., Costa, Breno. N., Canavieira, C. M. C. & Canuto, M. C. (2020). A percepção da população da cidade de Barreirinhas, Maranhão, sobre a COVID-19. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, e951975092, 2020 (CC BY 4.0), pp. 1 – 15. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.5092>, acessado em 22 de Outubro de 2020.
- Neves, L. (2020). O ensino e os professores na Escola Pública durante a pandemia COVID-19. *Público. Comunicação social SA*. Recuperado de <https://www.publico.pt/2020/04/04/sociedade/opiniao/ensino-professores-escola-publica-durante-pandemia-COVID19-1910904>. Acessado em 13 de Abril de 2020.
- Oliveira, C. B. E., & Marinho-Araújo, C. M. (2010). A relação família-escola: Interseções e desafios. *Estudos de Psicologia – Campina*, 27(1), 99-108. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n1/v27n1a12.pdf> aos 6 de Janeiro de 2017.
- Pires, R. R. C. (2020). *Os efeitos sobre grupos sociais e territórios vulnerabilizados das medidas de enfrentamento à crise sanitária da COVID-19: Propostas para o aperfeiçoamento da acção pública*. Instituto de Pesquisa Económica Aplicada (ipea). Recuperado de <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9839>, acessado em 13 de Abril de 2020.
- Reis, M. P. I. F. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso* (Tese de doutoramento, Universidade de Málaga,

Málaga). Recuperado de <http://www.biblioteca.uma.es/bbldoc/tesisuma/17678213.pdf> em 5 de Janeiro de 2017.

Silva, I. L. & Filho, E. L. L. (2020). Saúde mental e assistência social: Desafios durante a Covid – 19. *Revista Psicologia & Saberes*, v. 9, n.19, p. 139 - 146, 2020. Recuperado de <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1263> em 21 de Outubro de 2020.

Universidade Federal do Amazonas (UFAM). (2020). *Guia de orientações da PROEG diante da pandemia COVID-19*. Manaus, Brasil. Recuperado de https://edoc.ufam.edu.br/bitstream/123456789/3102/1/PROEG_GUIA%20DE%20ORIENTAÇOES_COVID19.pdf, acessado em 13 de Abril de 2020.

Vilelas, J. (2017). *Investigação: O processo de construção do conhecimento*. Lisboa, Portugal: Edições sítalo.

Síntese curricular

Fortunato Pedro Talani Diambo, é Doutorado em Educação pela Universidade da Beira Interior, Portugal; Mestrado em Administração e Gestão em Educação, pela Universidade de Évora, Portugal; Licenciado em Ensino de Matemática, pelo Instituto Superior de Ciências de Educação da Huila (ISCED-HUILA). Tem várias publicações de artigos científicos, assim como participações como pré-leitor em vários enventos científicos, nacionais e internacionais. Autor do livro “Relação família e Escola: Rendimento escolar dos alunos”, publicando em Novebro de 2017, pela Editora Eco7, em Luanda, Angola. É Co-autor do livro “Cálculo em Funções de Várias Variáveis”, publicado em Outubro de 2020, pela Editora Lisbon International Press, em Lisboa, Portugal. É professor Auxiliar da Escola Superior Pedagógica da Lunda-Norte, leciona as cadeiras de Análises Matemáticas I e II, Álgebra Linear, Investigação Operacional, Metodologias de Investigação Científicas e, Gestão e Inspençção em Educação. É Vice-Decano para Área Académica, da Escola Superior Pedagógica da Lunda-Norte.